

Reação do povo faz o presidente feliz

Luiz Artur Toribio
enviado especial

Nova Iorque "Eu me sinto muito reconfortado ao saber que minhas palavras foram ouvidas com atenção pelo povo brasileiro. O Brasil se firma e se torna cada vez mais um país indispensável nos foros internacionais".

As declarações são do presidente José Sarney, feitas ontem ao deixar o prédio da ONU, após discursar perante o grupo latino-americano na sala do Conselho Econômico e Social (Ecosoc) da organização. Satisfeito com as repercussões do seu pronunciamento, o presidente José Sarney era um homem feliz. Cerca de seis horas após ter aberto a 40ª Assembléia Geral da ONU, o

presidente tinha absoluta certeza do alcance de suas palavras.

No Ecosoc, o presidente voltou a pronunciar-se com um líder latino-americano ao dizer que "o exemplo diário da coordenação e da solidariedade é a diferença marcante entre nossa reação a crise atual e a dos anos 30. Meio século atrás, o colapso da economia surpreendeu-nos dispersos, isolados, encerrados em nossos particularismo".

Ao deixar o prédio da ONU, o presidente Sarney foi abordado pela reportagem da TV-Globo sobre o discurso do presidente norte-americano Ronald Reagan, que acusa o Brasil de protecionismo.

"O protecionismo barra a intenção de qualquer país no sentido do desenvolvimento".

Uma entrevista ampla de manhã

Nações Unidas - O presidente do Brasil José Sarney, se entrevistou ontem de manhã com o secretário geral Javier Perez de Cuellar e analisou com ele os problemas mais importantes na ordem econômico-social de seu país e da região, assim como a situação mundial.

O estadista brasileiro chegou momentos depois que o secretário norte-americano George Shultz, acompanhado pelo embaixador dos Estados Unidos na ONU, Vernon Walters, manteve uma entrevista com Perez de Cuellar.

Seu diálogo com o secretário geral da ONU se estendeu por 25 minutos e nele participaram também o ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, o embaixador do Brasil, o diretor geral para o desenvolvimento e a cooperação econômica internacional, J.L. Ripert, e o assessor especial do secretário, Alvaro de Soto.

Terminada a entrevista, Sarney, acompanhado por Perez de Cuellar, passou a um salão vizinho, onde o esperavam o grupo de parlamentares brasileiros que o acompanha nesta viagem e o subsecretário geral para assuntos jurídicos da ONU, Carl-Augusto Fleischauer.

Assinado texto contra tortura

Nova Iorque - O Brasil anunciou ontem "com orgulho e confiança" sua adesão à Convenção Internacional Contra a Tortura e Tratamento Desumanos e Degradantes. O presidente José Sarney informou a comunidade internacional da medida, afirmando que representa "um passo na afirmação democrática do povo brasileiro e de seu Estado", um compromisso diante de si mesmo e do mundo, para defender os princípios da dignidade humana.

Momentos antes de abrir os debates da 40ª Assembléia Geral da ONU, Sarney assinou, em cerimônia solene, o texto da convenção, instrumento jurídico mediante o qual os Estados comprometem-se a lutar implacavelmente contra os torturadores, para os quais não haverá atenuantes nem refúgio.

O Brasil passa a ser o 31º país a aderir à convenção, que deve ser ratificada por vinte países para entrar em vigor. A convenção - em cuja elaboração a Argentina desempenhou papel preponderante - determina que não poderão ser invocadas nem ordens superiores nem estados de emergência para justificar atos de tortura, e os países signatários comprometem-se a extraditar os culpados de abusos.

São Paulo O deputado Ulysses Guimarães afirmou ontem em São Paulo que o discurso que o presidente José Sarney fez na ONU não significa um endurecimento do Brasil com os credores. Mas admitiu que representa "uma posição realista e um apelo à razão, à racionalidade e à solução de um problema que tem que ser político".

Ulysses Guimarães acrescentou que o discurso de Sarney mostrou a necessidade de que prevaleça sempre a democracia e pregou também a necessidade de que não haja explosões sociais que "não só podem ocorrer no Brasil, como nos demais países, desestabilizando a democracia no terceiro mundo". Ulysses disse que "essa é a reformulação que se precisa fazer" e enumerou que organizações internacionais como o FMI, a ONU, a OEA e a Unesco "existem no sentido cristão de fraternidade, para que os mais fortes colaborem com os mais fracos. A humanidade disse é um só homem e um só em qualquer parte do mundo. O FMI não pode se converter numa organização internacional para ser procurador de bancos, para cobrar as suas dívidas. E nem num cartório de protesto de títulos em termos internacionais. Inclúve afetando a soberania das nações".

Dois mundos

O presidente do Congresso Nacional, José Fragelli, disse que o pronunciamento do presidente José Sarney na ONU "mostrou que as atuais condições de endividamento do Terceiro Mundo levam esses países à recessão, ao desemprego, à miséria e ao atraso, dividindo o mundo em dois: o mundo feliz e o mundo desgraçado".

Para o parlamentar de Mato Grosso do Sul, todos os pontos do discurso de Sarney são importantes, lembrando que o chefe do governo usou a paz para mostrar a sua carência no mundo de hoje, onde ela não existe, como no Líbano e no Oriente Médio, e onde ela está ameaçada, como na América Central.

Ainda na interpretação, de Fragelli, Sarney deixou claro que os povos têm direito à autodeterminação e que cada nação deve ter o direito de se constituir livre e soberanamente.

Ulysses acha o discurso realista

Falha gritante

O líder do PDT na Câmara dos Deputados, Nadyr Rossetti, disse que a falha gritante do pronunciamento do presidente José Sarney, ontem na ONU, foi não ter aproveitado o palco de Nova Iorque para responder ao governo dos Estados Unidos as críticas que foram feitas ao protecionismo brasileiro do setor de informática. De acordo com o líder pedetista, há uma distância entre a prática do presidente brasileiro e o seu discurso, principalmente no que diz respeito ao pagamento da dívida externa.

Para Nadyr Rossetti, o pronunciamento do presidente da República, José Sarney, não trouxe nenhuma novidade. Em sua opinião, o presidente brasileiro disse que não pagará a dívida externa com o sacrifício do povo brasileiro mas na prática, está mandando um bilhão de cruzeiros para o pagamento dos juros da dívida e cortando os investimentos nas estatais. Outra incoerência apontada pelo líder foi a afirmação de Sarney de que é contra a política do apartheid da África do Sul, mas mantém o relacionamento diplomático com este país. "Quem é contra, rompe" - afirmou Rossetti.

O deputado pedetista disse esperar que a disposição do presidente de endurecer com os banqueiros internacionais e os dirigentes do FMI "que não estavam presentes à reunião da ONU" não seja apenas uma peça de retórica.

Posição firme

O presidente interino do PMDB, deputado Miguel Arraes (PE), elogiou, ontem, o discurso do presidente José Sarney. Para ele o pronunciamento evidencia que o Brasil assumiu uma posição firme diante do quadro internacional.

Explicou também este novo posicionamento do governo só foi possível graças à redemocratização do país, que se somou às outras nações do Terceiro Mundo. Arraes afirmou que, o Brasil conseguirá suportar as represálias, que porventura ocorrerem, por parte do FMI, "que não tem poder para forçar o pagamento". Saliemto que Sarney não foi à ONU, para fazer retórica. O deputado

acredita que o Fundo Monetário está cada vez mais isolado em suas posições e está sendo combatido por diversos setores da comunidade financeira internacional, entre eles o Banco Mundial.

Para Arraes, se houver necessidade de apoio por parte da população brasileira às idéias defendidas pelo presidente da República, na área econômica, ele vai recebê-lo. "Esse apoio pode ainda não estar organizado, mas ele existe."

Uma nova ordem

O líder interino do PMDB na Câmara, deputado Luis Henrique, destacou três aspectos que considera importantes do discurso do presidente José Sarney: a necessidade de uma nova ordem internacional, negação ao tratamento monetarista recessivo às economias latino-americanas e a necessidade de construção da paz, não só através da exclusão dos conflitos armados, mas no efetivo combate à fome e aos desequilíbrios existentes na sociedade humana.

Luis Henrique afirmou ter recebido um telefonema do líder Pimenta da Veiga, de Nova Iorque, que disse ter o pronunciamento presidencial causado enorme repercussão nos meios internacionais naquela cidade norte-americana.

Segundo o líder no exercício da interinidade, o presidente José Sarney deixou bem claro a necessidade de crescimento econômico, "até para não punir os jovens que vão ingressar no mercado de trabalho".

Coragem

No exercício da liderança do PTB, o deputado Félix Mendonça (BA), considerou muito bom o pronunciamento do presidente José Sarney na Assembléia Geral das Nações Unidas, ontem a noite. Para o parlamentar, o discurso expressou os pontos de vista que todos estão defendendo. "O presidente Sarney teve muita coragem ao apoiar a reivindicação argentina de tomar posse nas Malvinas, porque os ingleses são os maiores credores do mundo" - explicou o líder petebista.

Sem timidez

O líder em exercício do PFL, deputado Celso Barros (PI), afirmou ontem que o presidente José Sarney mostrou em seu discurso na abertura da 40ª Assembléia da ONU aspectos importantes da realidade brasileira «sem a timidez dos pedintes, mas com a altivez dos que se sentem com o direito de reivindicar de todos os povos ali representados a atenção devida aos problemas da fome, da miséria, da falta de trabalho, da discriminação social e racial».

Já o presidente em exercício da Câmara, deputado Humberto Souto (PFL-MG) considerou «espetacular, lúcido, afirmativo e bem feito, tanto na forma quanto no conteúdo» o discurso do presidente Sarney. Sobre os temas econômicos, na opinião do deputado, «o presidente falou o que a nação gostaria de ouvir».

Frustração

A deputada Irma Passoni, vice-líder do PT, disse que ficou frustrada com o pronunciamento do presidente Sarney na Assembléia Geral da ONU. Para ela, o discurso foi muito conservador, "apresentando as posições do ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, que estão aquém das de Saraiva Guerreiro (ex-ministro das Relações Exteriores)". De acordo com Irma, o presidente brasileiro não procedeu aos avanços que o momento permite.

Três destaques

O vice-líder do PMDB no Senado Federal, Fábio Lucena (PMDB-AM), destacou três aspectos fundamentais do pronunciamento do presidente Sarney na ONU: o primeiro foi a condenação da política do apartheid da África do Sul; o segundo foi a defesa do Grupo de Contadora e de uma solução negociada para os conflitos da América Central; e, por fim, o não pagamento da dívida externa com o sacrifício do povo brasileiro. A crítica feita pelo presidente brasileiro do racismo da África do Sul levou o peemedebista a defender o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com aquele país africano.